


COLUNA DE TERÇA | BRAZILIAN INSIDER

*edição mensal
mar-2023
anne IV*



300anos.

**é o tempo que falta para
que mulheres vivam a igualdade.**

expediente

CEO, Conteúdo & Diagramação

Anderson França

Gestão de Produto e Projetos

Carol Gago

Gestão Financeira e Distribuição

Bianca Valente

Produção PodTudo e

Giuliana Maria

Vinicius Lima

Redação Lisboa

Bianca Souza

Redação Luanda

Gabi Braga

Jurídico

Nathalia Alonso

Contabilidade

Onília Araújo

Tradução

Andrés Nigoul, Mariana

Alencar, Giordano Barbosa,

Ana Elisa Santiago

O QUE NOS UNE, MÚSICA.

RADIO COLUNA

SEGUNDAS

12h - 18h

COLUNADETERCA.COM.BR/RADIO

apresentação
Anderson França 

índice

06

Editorial

Anderson França

32

CADERNO CT PLAYLIST

Anderson França

08

Entrevista

Anderson França

36

Primeiro, mulher

Bia Souza

21

ANEXO

Brazilian Insider | 02

Anderson França

40

Deus está gritando

Claudio Carvalhaes

24

Marielle

Carol Gago

48

**Homens: como mudar,
afinal?**

Alexandre Coimbra Amaral

índice

56

O combinado não sai caro
Fillipe Caetano

73

Trabalhamos com print
Samantha Mello

65

Perfilamento racial
Carol Gago

76

CADERNO CT CINE
Mulher Rei
Anderson França

69

Soul Tour Carbenet Sangue
Claudia Tajes

77

**Quem fica quando a
lama baixa?**
Vinicius Lima

editorial

Esta edição é aberta.

Consideramos que todos devem ter acesso ao que vamos falar aqui.

Porque, como disse nas redes sociais, estamos diante de um extermínio de mulheres e negros no Brasil, e posso garantir que isso acontece desde 1500.

Ou seja, o Brasil foi fundado na exploração de corpos desgraçadamente subjugados, corpos que serviram ao Deus Mercado, corpos que sangraram diante do altar da ambição de Mamom, o Deus do Dinheiro, o Brasil é fundado no estupro e na escravidão.

E isso explica o estupro de uma criança de 27 dias, que morreu,

diante da luxúria e da perversão do pai, evangélico.

Isso explica a violência doméstica e o feminicídio, contado em minutos, nas grandes capitais. Isso explica o baixo índice de punições.

Isso explica os baixos salários, isso explica o medo de andar na rua, o medo entrar no Uber, o medo de tomar anestesia, o medo de existir.

O Brasil é um país que odeia mulheres. E esta edição grita no meio do extermínio:

Chega de morte nessa merda.

Anderson França



**o Brasil registra
1 feminicídio
a cada 6 horas.**



**anderson
frança**

entre. vista

L. é uspiana.

Se formou no Instituto de Psicologia da USP no início dos anos 2000, e seu primeiro trabalho, ainda voluntário, foi em presídios.

Ia às terças para a penitenciária feminina, o temido CPP Feminino Dra. Marina Marigo Cardoso de Oliveira, nas margens da Raposo Tavares, no Butantã, e às sextas, para o Centro de Detenção Provisória de Guarulhos.

Os primeiros pacientes que teve, eram detentas, e detentos.

Meses ouvindo as pessoas rasgando camadas que as levaram para dentro das celas, e muita culpa. Lembrava da cena de Carandiru, da conversa entre o preso e o médico:

- Doutor, tem remédio pra culpa?**
- Se tivesse, todo mundo ia querer.**



Os anos se passaram, ela começou a clinicar sozinha. Com o pouco que ganhava, mantinha a vida, com o marido, dono de uma oficina.

Decidiu fazer mestrado. Se dedicou a entender a culpa. Esse sentimento que desde cedo saltou diante dos seus olhos.

Entre consultórios, clínicas, grupos de terapeutas, aprendeu que a escuta se faz no dia a dia, e recebia idosos, adolescentes. Pessoas de histórias totalmente opostas, e muitas carregando um mesmo sentimento. A culpa.

Em 2017, tinha apenas 2 pacientes marcados naquele consultório, na Santa Cecília. Eram 4 da tarde e o primeiro estava marcado para 4:30. Mas a campainha tocou quando ela ainda colocava a bolsa na mesa.

Entra o paciente. Um homem, de uns 30 anos. Magro, com um peso no rosto, nos ombros. Ela lembra que decidiu então atender o homem, minutos mais cedo. Chamou o homem 10 minutos antes, era a primeira consulta.

Enquanto bebia água e tomava o primeiro gole, deu boa tarde pra ele e fez a pergunta clássica: então. Por que você veio aqui?

-Eu acho que eu estupro uma pessoa.

Ela parou.

Em milissegundos, pensou: "Como assim, acho?"

Perguntou pra ele, calma, porque ele chegara naquela conclusão.

E o homem respondeu que recebeu uma mensagem pelo celular, de uma pessoa. Uma pessoa que ele encontrou numa festa em São Paulo. Saíram, transaram, o clima esquentou, no meio da transa, ele tirou a camisinha. Ambos gozaram. Ela entretanto viu que ele tinha tirado a camisinha. Ficou chateada, mas não a ponto dele perceber.

Alguns meses se passaram, e ela soube que isso também é considerada uma modalidade de estupro. E ela, com aquilo na garganta, decidiu falar pra ele. E falou. Botou pra fora, com raiva. Todo aquele peso que vem, dos sentimentos que são revisitados.

Ele ouviu, desligou, e se sentou no muro de casa. Ficou ali quase a noite inteira.

Passado uns dias, começou a ter uma dificuldade de se olhar no espelho, de frente. De se masturbar, ou relaxar para ter prazer. Isso evoluiu para uma reclusão. Parou de responder mensagens, de sair com outras pessoas. Começou a andar na rua, olhando pra trás. Fechou redes sociais. Depois, pediu pra sair do emprego. Deixou um cargo numa agência de publicidade, e foi trabalhar como recepcionista num condomínio comercial.

Ela estava, pela primeira vez, diante de um caso inusitado de um homem que, mesmo imerso no silêncio, morava dentro de uma mente que gritava pra ele, 24 horas: você é um estuproador.

Não dormia bem, não se reconhecia mais.

Este foi o primeiro caso. Um homem que, diante do fato revelado diante dele, é absorvido pela culpa, e diferente de muitos homens, desiste, e sucumbe.

Mais que isso. Decidiu fazer alguma coisa. O medo de ser preso era grande. Os medos, o medo de sua família saber. Todos os medos. Até porque já havia tirado a camisinha outras vezes. Então veio a sentença. Era um estuproador ali, e em outras situações.

Na primeira consulta, chorava. Não queria mais se ver assim. Não queria mais se relacionar com ninguém. E tinha medo de falar sobre isso, porque isso era um crime, praticado na intimidade, mas crime. E falar sobre isso poderia significar sua confissão, e ir para o presídio, onde ela viu, e ouviu, depoimentos de pessoas presas que estão fora do convívio social, mas adoecidas por culpa.

Durante uns meses, tentou ouvir, e descobrir o que aquele paciente queria. Perdão? Não. Nova chance? Curiosamente, também não.

Ele queria não mais fazer isso. Não queria ser um estuproador. Mesmo que na hora não visse aquilo como crime, mas no futuro, sim.

Ele não queria mais isso.

Esse foi o primeiro paciente que recebeu com essas características.

Passou a partilhar questões sobre o tema com outros terapeutas, e como um ímã, foram indicando seu nome para isso.

E outro homem entrou no consultório. E confessou não controlar o fetiche de se masturbar em público. E outro, que tinha outro tipo de desvio. E outro. E outro.

Homens brancos. Negros. De classe média alta, outros mais simples.

Hoje, ela tem cerca de 22 pacientes, todos girando em torno do mesmo tema, e buscando meios de se entenderem, e saírem da força gravitacional que os puxa pra abusos, estupros, violências.

Numa sociedade que não tem mecanismos nem preparo para essas pessoas que são, de fato, fora da curva, ela decidiu trabalhar a culpa, e a ação para mudança do comportamento.

Eles morrem de medo de abordar isso em público. Todos, sem exceção, estão em recuperação. Desde o primeiro paciente, que continua com ela. Todos se sentem aterrorizados de serem definidos como estupradores. Ao mesmo tempo, possuem demônios. E seguem lutando.

Por questões de legais, de privacidade e segurança, preservamos, a pedido, a identidade dela e dos pacientes. E estamos diante da mais complexa entrevista que pude fazer. Os homens que buscam cura.

Anderson - Doutora, muito obrigado por falar com a Coluna de Terça. Estamos nesse mês dando ênfase nos casos de abuso, estupro e violências, e eu realmente me sinto feliz de poder falar com a senhora, e entender mais sobre esse grupo, ou esses homens, que me parece que são uma exceção quase fictícia, como é lidar, ou seja, o que eles querem?

L. - Anderson, obrigado. Eu sou sua fã, fã da Coluna, eu que me sinto honrada. Peço que entenda porque preservo nomes e o meu nome. Porque esse assunto ainda é um tabu entre homens, que tabu, o de falar sobre as violências e as contradições entre o desejo e o permitido. Sim, é um grupo pequeno, mas de uns tempos pra cá, comecei a pensar que se existisse um tipo de "número CVV" (centro de valorização da vida) ou "grupo de AA" (alcoólicos anônimos) para esses homens terem um lugar seguro para falar que querem interromper essa violência que usa seus corpos como veículo, talvez fosse maior o número de pessoas procurando ajuda. O que eu penso é que, tanto a falta

desse lugar seguro para atendimento - eu diria, em massa, como o medo que eles têm da punição na esfera criminal, faz com que seja difícil ver que existem homens que já praticaram violências e abusos e, diferente de uma maioria, estes não querem continuar assim.

Agora, sobre o que eles querem, é assim: eu penso que no processo, na jornada de cada um deles há algumas fases. Primeiro, eles trazem muita culpa. Depois que esse primeiro momento passa, eles buscam se punir pelo que fizeram, e alguns tentam procurar a vítima. Então vem uma fase de lidar com isso sozinhos. E buscam, desde a infância, as razões.

E tem de tudo, sabe. Alguns foram abusados, outros aprenderam que o corpo da mulher é um território a ser fruído sem limites, muitos têm percepções confusas pelos conceitos trazidos pela pornografia.

Me lembra aquela música que o Emílio Santiago cantava: "Agora eu entendo o sorriso, ele que não entendeu, se não

fez amor com você, faço eu", em que a mulher é um terreno em disputa, de qual homem é o mais apto pra conquistá-la. Essa cultura predatória tem bases anteriores. Estes homens, meus pacientes, você, seus amigos, vocês não criaram essa cultura, vocês são FRUTOS dessa cultura. Vocês não conseguem ver, na sociedade, meios de reaprender relações com mulheres. Encontram, sim, movimentos que aumentam cada vez mais o cardápio do que é ou não abuso. E tudo bem, isso ser assim, mas a sociedade, ou ela aponta o erro, ou prende. Ela não tem um espaço para dizer, por exemplo:

Se você tem vontade de fazer isso, ou já fez, em qualquer grau, venha falar sobre e vamos ressignificar e entender seu papel para que você viva uma vida sexual plena, amiga da mulher, em parceria com outros gêneros.

Não.

O que temos é: melhore sua performance sexual, aumente seu pênis.

Educamos, nós sociedade, os novos violadores, desde crianças. Quando um filho pequeno é desejado por outras meninas, quando ele, adolescente, se destaca, e nós como pais e mães pensamos que esse é um grande capital, quando na verdade, o principal é fazer esse jovem pensar sobre os limites do seu desejo e do outro.

Então, falei muito, mas o que esses pacientes que estão comigo querem é abandonar aquilo que os impulsiona para o lado "oscuro" deles mesmos, onde não querem estar.

Anderson - Mas, essa é a pergunta que eu faço. Um homem estuprou a filha de 27 dias, ou seja, desculpa eu ser leigo, mas tem jeito? Um cara que faz um negócio desses.



L. - Então. Respondendo como terapeuta. Não tem "jeito" pro crime que já foi praticado. Tem jeito pro criminoso. Pro sujeito, que naquele momento é um criminoso, se colocou nesse lugar, escolheu esse papel. Ele é outras coisas além de um criminoso, e aí habita a complexidade - porque a gente acha que estupradores são monstros, e não são, são pessoas comuns, então o sujeito tem complexidades, camadas, e em cada momento ele decide o papel que quer assumir.

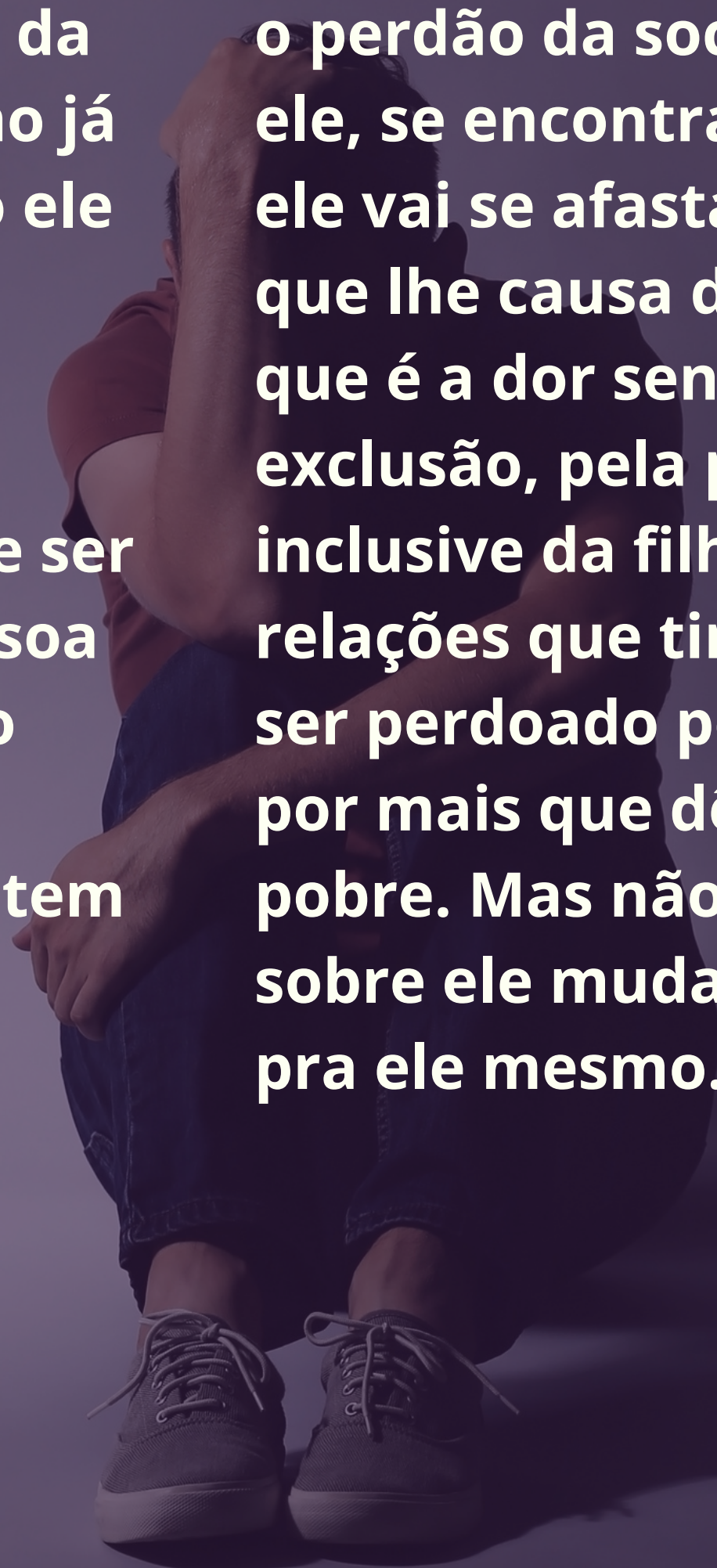
Não é tão simples como eu estou lhe dizendo, mas digamos: esse estuprador da criança vai preso. Eu, como já atendi em presídio, tenho ele na minha ficha.

Pode ser que eu encontre algumas psicopatias, pode ser que eu encontre uma pessoa imersa na culpa querendo perdão, ou em culpa, buscando mudar. Porque tem diferença.

Anderson - que diferença?

L. - o sujeito pode querer o perdão para zerar a culpa, e não mudar. Como pode querer o perdão para mudar. E ainda o que não quer perdão, porque entende que não merece, mas ainda assim quer mudar. E, claro, o que apenas nega, e não vai mudar.

Mas como eu te dizia, se eu ouço essa pessoa no presídio, a culpa vai estar presente. Se ele leva a terapia a sério, e caminha junto, é possível que ele perceba a gravidade do que fez. Mesmo que não se perdoe, mesmo que não tenha o perdão da sociedade, mas ele, se encontrar a resposta, ele vai se afastar desse lugar que lhe causa dor também, que é a dor sentida pela exclusão, pela perda de tudo, inclusive da filha, e com ela as relações que tinha. Ele não vai ser perdoado pela sociedade, por mais que dê sopa pra pobre. Mas não é sobre isso. É sobre ele mudar dentro dele, pra ele mesmo.



Pode se tornar uma peça sem utilidade pra sociedade, mas ele vai saber conviver com essa solidão, entendendo a justiça disso, é complicado, mas quando um homem enxerga, a coisa muda. E ele, é uma expressão simplista também, se "auto-castra". Sua relação com o sexo, com seu pênis e seu desejo muda. E ele não será mais o mesmo. Se isso será bom ou ruim é uma outra coisa. Mas existe a possibilidade dele nunca mais tocar em alguém, mesmo com consentimento.

Anderson - Mas isso que você tá me dizendo é, no universo de casos, um número pequeno de homens.

L. - que saibamos. Porque, como te disse, não temos instrumentos pra esse lugar de trato. Algo como sala prévia à prisão. Não temos nada no Brasil. O que eu conheço de terapia masculina voltada para o tratamento de impulsos como estes são poucos e por ser um tema muito delicado, os pacientes têm muito medo de serem identificados, então a coisa nunca vem à tona.

Anderson - mas é de esperar que a militância baixe a guarda e considere compreender essas pessoas?

L. - Não. Militância, o papel dela, é este. Militar. Brigar. Não acho que seja compreender. O papel do compreender deveria vir de uma ação de governo, mobilizando mesmo o ministério que trate de assuntos de gênero, eu penso que o TRABALHO PREVENTIVO AO ESTUPRO ou abuso, passa por isso, tirar do campo do tabu, reconhecer que homens são potenciais violadores, mas precisamos desde já dizer: olha, temos esse espaço para você falar das suas contradições, suas perversões, e aqui, com privacidade, podemos lhe ajudar a não entrar num ciclo destrutivo pra você e pras pessoas em volta.

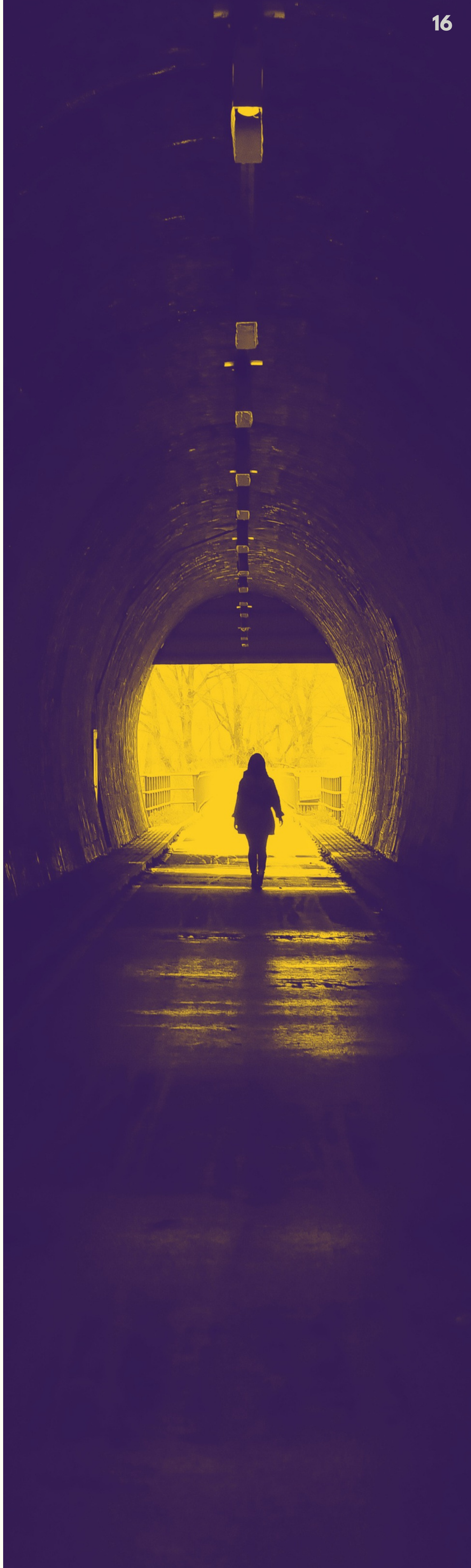
Porque é um ciclo, né. Ele faz uma vez, e outra e outra. Vira um padrão.

Anderson - que tipo de caso chega pra você?

L. - Eu não posso entrar tanto nisso, e também não posso dimensionar o que é leve ou pesado pras vítimas, mas em termos criminais, chegam casos de menor potencial ofensivo físico, e mais psicológico. Casos de fetiches não consentidos, de atos libidinosos, de estupro durante uma relação, como o caso de retirar a camisinha. São esquemas mais complexos pra homens que se sentem tão infratores como este que matou a filha, que é algo muito mais grave em termos criminais.

Anderson - E qual o perfil desses homens?

L. - Classe média. Alguns de mais poder aquisitivo. Dos que atendo, por exemplo, todos, sem exceção, votaram no Lula. Sei que isso talvez não signifique um dado, mas eu quero dizer que eles têm uma visão mais progressista de mundo.



Tenho percebido isso. Alguns de igreja, onde a culpa consome a mente deles. Alguns casados, com filhos, em relações em que figuram como abusadores, mas relações extra-conjugais. Tem surgido homens mais jovens, impactados pelos discursos feministas. Mas uma média de idade seria entre 27 aos 50 anos. E eu não sei. Há homens muito diferentes em suas formações. E é mais um motivo que me faz pensar que existem mais homens por aí querendo "parar de abusar" mas não encontram tratamento ou lugares seguros pra falar. Porque também não vai se resolver só com "toma vergonha na cara", ou "na cadeia você vai ver o que é bom". Entende? É mais complicado que isso.

Anderson - E você tem visto progresso?

L. - Sim. Desde meu primeiro paciente, eles criam uma relação de confiança comigo. Me ligam até minutos antes de sair com alguém, alguns ligam depois. Precisam de monitoramento mesmo, alguns de uma mentoria, um caminhar junto.

Sabe, é como pegar na mão e reintegrar. A culpa, permanece. Mas eles tentam fazer algo pra mudar.

Anderson - A culpa não sai nunca?

L. - Sendo sincera, não. Eles têm momentos de maior ou menor culpa. Mas não sai. De ninguém sai, nem se seu pior crime é comer um bolo de chocolate à noite.

Anderson - Verdade. Doutora, muito obrigado.

L. - Eu que agradeço.





**as mulheres negras são
cerca de 67% das
vítimas de feminicídio.**

mora no exterior e quer nos apoiar?



[patreon.com/
acolunadeterca](https://patreon.com/acolunadeterca)

Acesse Patreon

Use seu cartão

É isso!

1



2



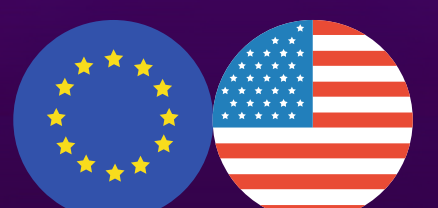
3



à partir de

5,00

US\$ / €



**rolou fofoka aí?
manda pra
gente.**



**BOCA
NERVOSA**

youtube.com/colunadeterca

PARIS, MAR 2023

Anderson França, correspondente

BRAZILIAN INSIDER

INDEPENDENT JOURNALISM. FOR AN INDEPENDENT WORLD
JOURNALISME INDÉPENDANT. POUR UN MONDE INDÉPENDANT

Anexo à Coluna de Terça, com resumo das notícias para a comunidade brasileira no mundo.

BRASIL | PORTUGAL

Vistos automáticos

Começou nesta segunda-feira, 14 de março, a emissão de vistos automáticos para cidadãos da CPLP, que inclui Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, Timor Leste, Macau e Brasil.

Cidadãos destes países podem entrar em Portugal sem vistos prévios e no país solicitar um visto de residente, automático, que levará 72 horas para ser emitido, no portal do SEF.

No entanto, nesta segunda-feira, devido ao grande acesso, o site do SEF saiu do ar e a Administração trabalha para regularizar o serviço que custa 15 euros.

Portugal toma esta medida diante da crise de mão de obra no país, que cresce desde a pandemia, com portugueses e estrangeiros deixando país em crise econômica.

BRASIL | GEOPOLÍTICA MUNDIAL

Rússia



Não há encontros bilaterais oficiais agendados entre Lula e Putin, mas nos bastidores as conversas são intensas. Parceiros de Brics, entendem que a guerra é assunto que transcende

a visão binária de Biden, e que atrapalha os negócios.

BRASIL | FRANÇA

Convergência

Faltam 500 dias para as Olimpíadas de Paris, e Macron decidiu apostar na diplomacia, tendo o Brasil como principal parceiro narrativo.

Tanto que, nas redes sociais do presidente da França, uma peça publicitária que simula a entrada das delegações no Rio Sena, dois barcos estão em destaque: França e Brasil.

Os países que, aliás, pedem uma terceira via para o fim da guerra.

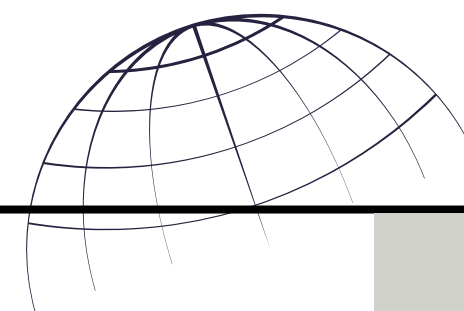
GOLPISTAS

Michelle

Em meio a convenções do PL, Michelle Bolsonaro decide voltar a Orlando para se encontrar com o nominal marido, Jair Bolsonaro.

Cede à pressões de correntes internas que vêm no afastamento dos dois um fato político a ser explorado, de que já teriam se divorciado, e o escândalo das jóias enfraquece a atuação política de uma já despreparada Michelle, que se comporta como adolescente diante de acusações graves.

No encontro com ele nos Estados Unidos, a pauta, seguramente, será a estratégia de defesa.



PARIS

Greve

A greve continua até 16 de março na França.

Trens, metrô, aviões, serviços públicos continuam afetados. Já chegam a 6 mil toneladas de lixo nas ruas de Paris, por causa da suspensão da coleta.

A greve já considerada histórica pretende impedir que Macron aumente o tempo de serviço para aposentadoria de 62 pra 64 anos.



Todos os principais sindicatos estão diretamente envolvidos na greve, que já é a maior do país no século 21.

LISBOA

Intervenção Imobiliária

O governo de Portugal decidiu intervir no mercado imobiliário, com o objetivo de colocar mais casas e apartamentos para aluguel. Os apartamentos parados serão tomados pelo governo que irá

alugar os imóveis por valores sociais.

Nas redes sociais, portugueses protestam contra a medida e a extrema direita fala em ditadura.

ORLANDO

Jóias Gate



Bolsonaro pressionou órgãos de governo para liberar 16 milhões de reais em jóias recebidas pelo rei da Arábia Saudita.

Até 2 dias antes de sair do país, ele promoveu ações oficiais e não oficiais para liberação dos bens, retidos por agentes da Receita Federal.

O episódio, que ele insiste em minimizar, é considerado mais um crime que pode

definitivamente colocá-lo na cadeia.

Além disso, compromete a já mal sucedida carreira política de Michelle, que já encontrava entraves no PL, seja pelo temperamento complicado da ex-primeira dama, seja pela ambição desregrada de Valdemar da Costa Neto.

A close-up portrait of a woman with dark, curly hair, looking directly at the camera with a serious expression. The lighting is dramatic, highlighting her features against a dark background.

**mulheres ainda não
conquistaram o
direito à vida.**

Maniella



carol
gago



Cinco anos sem respostas.

Cinco anos se passaram desde a noite em que Marielle Franco conclui, na Casa das Pretas, um debate promovido pelo PSOL com jovens negras: “Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas”.

A frase é de autoria de Audre Lorde, escritora feminista e ativista norte-americana, mas poderia ter sido de Mari. Mulher forte e de luta, negra, mãe de Luyara, filha de Marinete e Antônio, irmã de Anielle, esposa de Mônica.

Cria da favela da Maré - lugar de onde ela constrói sua narrativa, foi aluna de pré-vestibular comunitário e iniciou sua militância em direitos

humanos após perder uma amiga, vítima de bala perdida, num tiroteio entre policiais e traficantes. Se formou socióloga pela PUC-Rio e concluiu o mestrado em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense.

Seu currículo é extenso. Trabalhou em organizações da sociedade civil como Brasil Foundation e o Centro de Ações Solidárias da Maré. Foi assessora de Marcelo Freixo antes de se eleger Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro pelo PSOL. Coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e construía coletivos e movimentos feministas, negros e de favelas. Foi também Presidente da Comissão da Mulher da Câmara.

Reconhecida inclusive internacionalmente, por ONGs como a Anistia Internacional, pela formulação de projetos de leis e pautas em defesa dos direitos da população LGBTQIAPN+ e das mulheres pretas e faveladas. Marielle sempre foi gigante. Encarou sem medo cada constrangimento e tentativa de



apagamento na Alerj, composta majoritariamente por homens: “A minha palavra é a palavra de mulher, mas vale, não é só palavra de homem que vale não”.

E não era mesmo. Foi com a potência de sua palavra que venceu cada uma das lutas que encontrou pela frente. Só não suspeitava que, naquela noite de 14 de março de 2018, perderia a última batalha.

Não só ela, ninguém suspeitava. Minutos depois desse evento, Marielle daria seu último suspiro, sem a menor chance de voltar para os braços do amor da sua vida ou sequer de se despedir dos seus.

Por volta das vinte e uma horas, acompanhada de sua assessora Fernanda e seu motorista Anderson, ela deixa o local.

Perseguidos por um carro que estava parado nas proximidades, o cobalt emparelha com o carro de Marielle na Rua Joaquim Paralles, e efetua diversos disparos de arma de fogo. De treze, nove tiros atingem a lataria do carro, quatro encontram o corpo da vereadora. Anderson levou ao menos três tiros. A assessora felizmente foi atingida somente por estilhaços e sobreviveu para contar a história.

Mas essa não era, nem de longe, a história que gostaríamos que ela contasse.

Rua Marielle Franco

(1979-2018) Vereadora, defensora dos Direitos Humanos e das minorias, covardemente assassinada no dia 14 de março de 2018.

307

20260-080 Estácio



Além da imensa dor da perda de Marielle e Anderson, é uma grande angústia (além de um inenarrável absurdo) o Estado não ter uma resposta rápida para quem ficou: a assessora sobrevivente, as esposas, os familiares, amigos, colegas de trabalho e a sociedade.

Seguimos contando, ano a ano, ainda que submersos no vazio de suas ausências e absolutamente tomados pela revolta.

Apesar da prisão de Ronnie Lessa e do ex-policial militar Élcio Queiroz, ocorridas em 2019 por duplo homicídio triplamente qualificado (motivo torpe, emboscada e recurso que dificultou a defesa da vítima), além da tentativa de homicídio contra Fernanda, exigimos saber quem foi o mandante e qual foi a motivação do crime.

Marielle nasceu em 27 de julho de 1979. Tentaram-na matar em 14 de março de 2018, mas quem ordenou o crime mal podia imaginar que ela era semente, e que milhões de Marielles em todo mundo se levantariam no dia seguinte.

Esse atentado não foi sofrido por uma, duas ou três pessoas. Por tudo o que Marielle representa, foi um atentado à democracia. Sua história jamais será esquecida.

**Marielle: presente.
Há cinco anos.
E para sempre.**

tributo **A voz de Marielle**

A partir de 14 de março, em tributo ao marco dos cinco anos do assassinato de Marielle Franco, o Museu do Amanhã recebe uma exposição para divulgar o projeto “A Voz de Marielle”.

Ferramentas de reconhecimento facial serão utilizadas para conectar fotos, ilustrações e grafites da vereadora com alguns de seus discursos marcantes de sua carreira política.

Disponível até 30 de abril, o Museu disponibilizará um totem interativo para que os visitantes possam acessar uma plataforma em seus próprios celulares.



LOTE

UZZ 18

7,62 X 51

**LOTE DE MUNIÇÃO DE FUZIL 7,62
COMPRADO PELA POLÍCIA FEDERAL
DE BRASÍLIA EM 2006, USO
RESTRITO.**

**UNIDADES DESTE LOTE FORAM
ENCONTRADAS NO COMPLEXO DO
ALEMÃO EM 19 DE AGOSTO DE 2018.**

**ATÉ O MOMENTO, NÃO FOI
ESCLARECIDO PORQUE UM LOTE DA
PF DE BRASÍLIA FOI PARAR NO RIO.**

**AS BALAS QUE ACERTARAM
MARIELLE ERAM DESTE LOTE.**

**HÁ MUITA ROMANTIZAÇÃO SOBRE A
MORTE E A VIDA DE MARIELLE. MAS
POUCA AÇÃO EFETIVA.**

caderno CT cultural



festival **Justiça por Marielle e Anderson**


Já são 5 anos sem respostas.
Meia década. É tempo demais!

Nessa terça-feira, dia 14 de março,
das 18h às 23h, na Praça Mauá,
vai rolar um tributo: o Festival
#JustiçaPorMarielleEAnderson.

Convide todo mundo e vamos
juntos mostrar que seguimos
esperando por justiça.

Vai ter Djonga, Marcelo D2, Bia
Ferreira, Luedji Luna, Criolo e
muito mais!

Confira a programação completa
no instagram no Instituto Marielle
Franco: @institutomariellefranco

A close-up portrait of a woman with her eyes closed, looking upwards. She has braided hair and is wearing a nose ring and a lip ring. The lighting is dramatic, with strong highlights on her face and hair, and deep shadows elsewhere. The background is dark and out of focus.

**registros de feminicídio
aumentam na
contramão da queda
dos homicídios em geral.**



24 horas de mundo.

somos a primeira voz que
você ouve pela manhã.
a última com você na cama.

assine a coluna de terça
apoia.se/colunadeterca

zé ibarra



Sou desses que, neste caso, pode falar pouco, e falar com uma certeza tranquila.

Não conheci Ibarra antes, não andei com ele depois.

Subimos uma rua, em Lisboa, bastou.

Ibarra é, pra mim, a continuidade do amor na música brasileira.



caderno CT playlist

as músicas que fizeram essa edição

Bédi Beat
zé ibarra

Summer Song
Yellowjackets

6 A.M.
Nortragamus

Maybe I'm a Fool
Aretha Franklin

59 South
Robert Glasper

Baile de Máscaras
Bala Desejo

Higher Ground
Stevie Wonder

Sucuri
Arthur Verocai

Come Running to Me
Herbie Hancock

The World Is a Ghetto
George Benson

sorrisos, e escuta.



**POD
TUDO**

o podcast das ruas.
youtube.com/colunadeterca

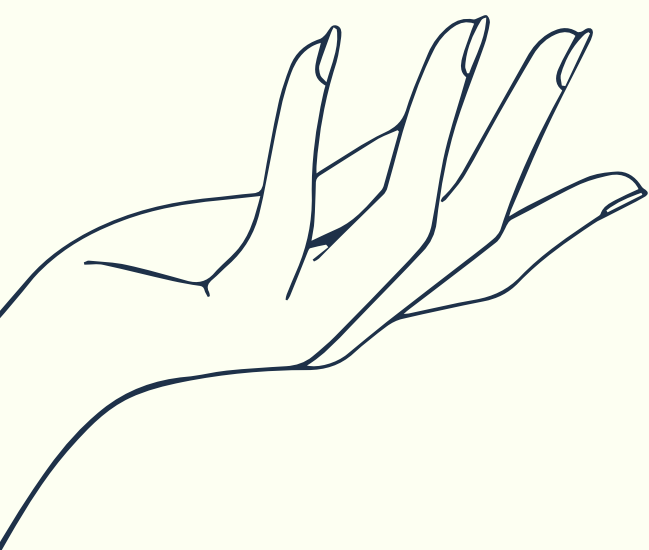


**o Brasil tem 2 casos
estupro
por minuto.**



**bia
souza**

Primeiro, mulher



Primeiro, lambemos as feridas. Essa culpa que cê carrega não é sua.

A mulher, as travestis, todos os LGBTQIA+, são todxs putxs na boca de quem não quer ceder ao privilégio, ou quer uma desculpa mequetrefe pra externar sua crueldade.

Ninguém quer perder privilégio. O cabresto limitante os impede de ver que perder é ganhar, nesse caso.

A cretinice também impede. Mas acho que pra isso a única solução é empurrar o remédio goela abaixo, com farinha, pra ver se desce a espinha virada na garganta que fazem eles ficarem com esse pescoço altivo e imoral.

Eu não vou reclamar de Deus.

Na tangente das filosofias, pra mulher a ideologia é a sobrevivência.

Temos pressa.

Preparado o leito, a pergunta que não cala para algumas é:

Ei, o mundo rosa que cê pinta já sangrou quantas mulheres hoje?

Fingir não cansa?

Cê não tá exausta?

De mostrar flores, sorrisos, pra camuflar suas cicatrizes?

Xô te contar, omissão também é matar.

Sabe quem eu sou?

Eu sou o corte no fio da sua navalha,

Eu sou a queda desse tomara
que caia,

Eu sou o som do grito numa
passeata,

A vibração dessa bala que me
mata,

Não deu pra ser só aquilo que
você quer,

Porque eu também sou a
vagina da mulher que deu pra
todos que amassaram seu
papel,

Sou o rabisco no livro que cê
não leu,

Eu sou o passo mal trocado
dessa dança,

Eu sou o vento da corrida que
não me alcança,

Eu sou a linha que costura a
cirurgia que arranca a carne
inútil que você não quer tirar,

Sou o segredo que a fofoca já
contou,

Eu sou o medo que sentiu o seu
avô, quando pensou que era
dar poder demais pra velhas
surdas que queriam protestar
pelo direito de poder se
perdoar,

Eu sou a corda que segura o
barco no cais, e também sou
maré que leva e às vezes traz.

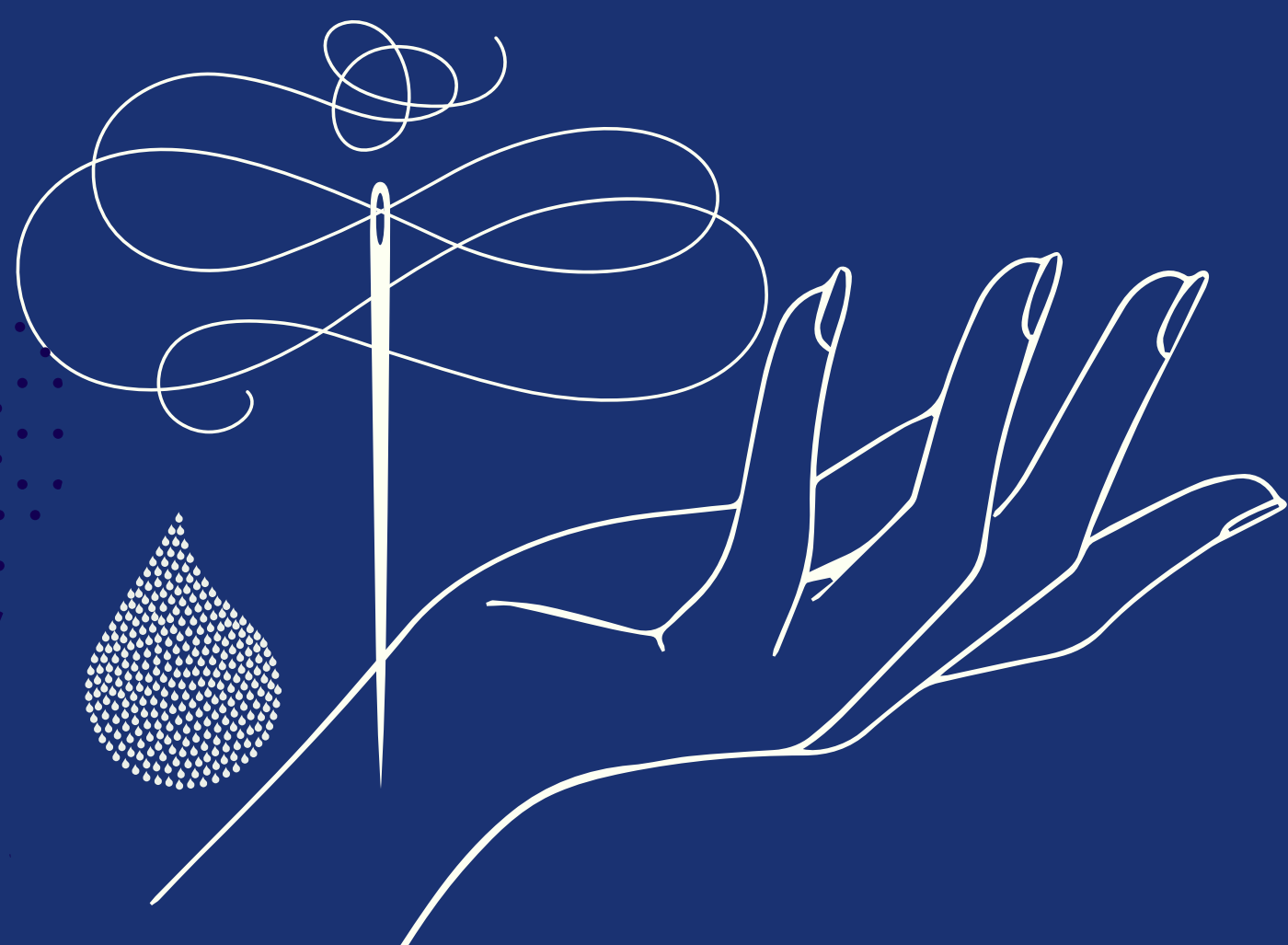
Sou o objeto animadamente
inanimado que enfeita essa
enorme estante de cruéis
desesperados.

Sou o espinho da rosa que cê
arranjou pra fingir que nesse
peito tem amor,

Sou mais de 100 anos pra um
futuro sem desespero e dor,

Sou o cansaço que mais
ninguém afagou,

E também sou o sagrado que a
humanidade profanou.



& também sou o sagrado que a humanidade prefere.



bia souza

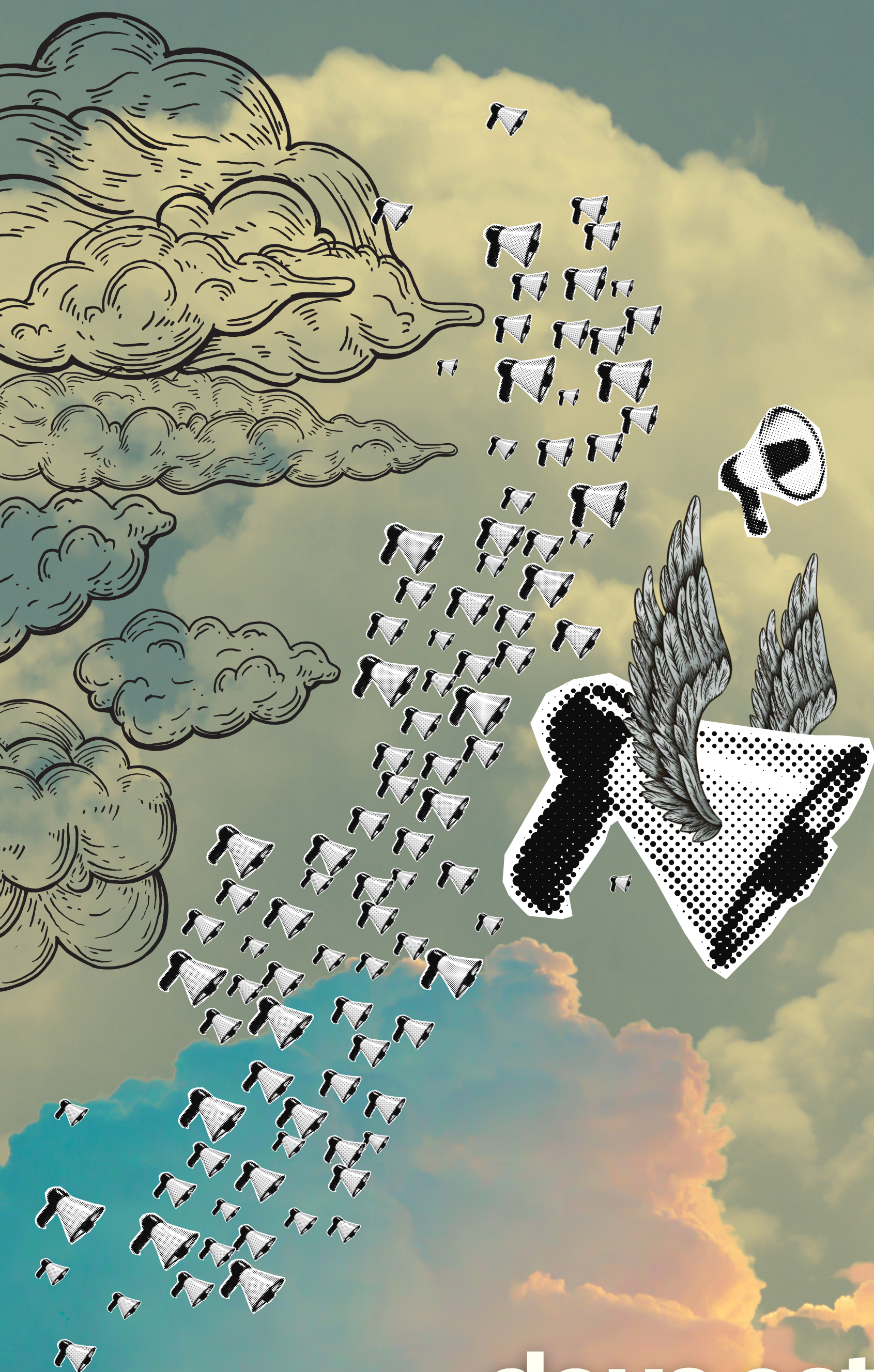
**muita paz pela manhã?
a gente acaba com ela.**

Live da Manhã



SEGUNDAS
10h BR | 13h PT | 14h FR
[YOUTUBE.COM/COLUNADETERCA](https://www.youtube.com/c/colunadeterca)

claudio
carvalhaes



deus está
gritando

Olha eu não aguento mais ouvir que Deus está falando aqui e ali e cada lugar de um jeito com sua própria verdade. Deus virou um tagarela sem fim! Meus Deus!

De acordo com os pregadores de toda esquina, Deus não para de falar! Fala tudo sobre tudo, os jeitos e as formas exatas pra gente ouvir e seguir. Dá sentido a tudo o que a vida é e carrega sentido em cada gesto. Vai vestir assim ou assado? Deus vai abrir o farol pra mim em nome de Jesus! Deus ordenou a benção pra mim! Um Deus pra cuidar de cada um e nenhum Deus pra cuidar de todos!

Assim como seus olhos, nada escapa da língua afiada de Deus. Qualquer pessoa nesse mundo fala do que Deus está falando e isso é bom! Mas é ruim também. Deus fala o que cada cidadão quer e precisa o resto é erro!

Deus sabe tudo sim, mas só sabe de tudo como sabe a pessoa que fala o que Deus sabe! Confuso? Se eu falo de Deus eu sei! E sei tudo de Deus! E Deus se torna meu espelho! Fala pros outros o que eu quero falar pros outros! Assim, se Deus permitiu é porque... e daí vem o que as pessoas acreditam. Deus não gosta disso e Deus não quer aquilo, daí vem a moralidade de cada indivíduo! Deus está falando que devemos isso, Deus está ordenando aquilo e o isso e aquilo é o que a pessoa imagina! Deus está nos dizendo! Deus está conclamando! Deus está exigindo! Deus está mandando! Meu Jesus do céu que assombração de Deus é essa?

Nunca Deus chega no rolê dizendo: por obséquio... Nada! É o que é ou é o fim!

E nesses tempos de violência e fardos de morte, a palavra de Deus vem com a força de uma bala de revólver! Ou de canhão! Se não ouvir é maldição! É castigo! É perder-se! É ficar doente! É ficar ouvindo o Diabo!



**Cada semana, pastores e padres e profetas
e profetizas falam da Palavra de Deus!
Cada leitura bíblica é a palavra de Deus!
Cada conversa no telefone é palavra de
Deus! Cada programa de rádio é palavra de
Deus! Cada canção é palavra de Deus!**

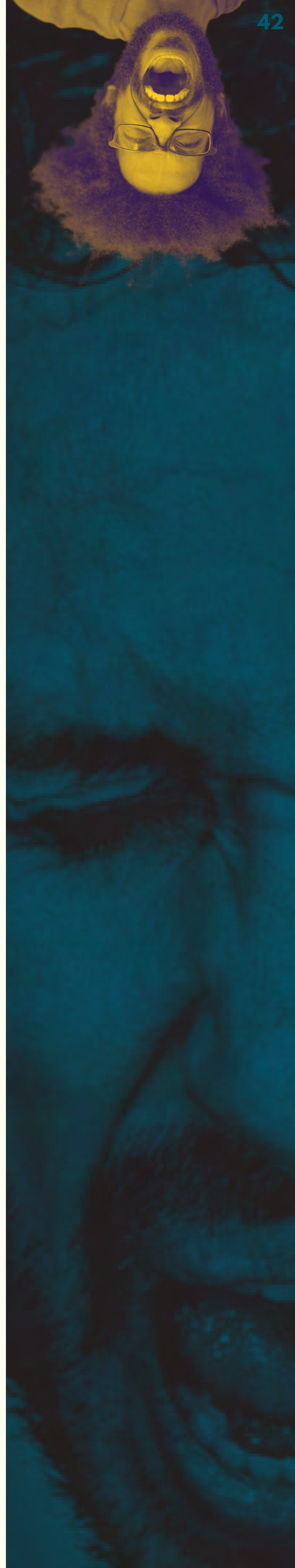
**E por tudo ser palavra de Deus, até o que
não é Palavra de Deus acaba sendo palavra
de Deus, mas agora no negativo. A
maldição é o avesso da benção de Deus! O
cidadão que foi pro carnaval ouviu a voz de
Deus no negativo, a voz da carne, a voz do
diabo! Porque o Diabo é
a sombra de Deus!**

**Tudo fica envolvido pela palavra de Deus -
no sim e no não! No real e no imaginário!
Como diz o salmista no Salmo 139 – Para
onde fugirei da tua face?**

**Não há mundo sem Deus! O Deus que tudo
vê, que tem esse olhar panóptico, nos faz
viver uma neurose obsessiva, compulsiva,
uma totalidade que não nos larga. O que se
prega como cuidado e amparo, viram
medo, controle, ameaça e presença
demais!**

Me larga! Deixa eu cagar sozinho!

**Mas não só as palavras de Deus estão em
todos os lugares, mas também as
modulações como elas são ditas. Tudo hoje
acontece na base do grito! Toda pregação
parece que, se não for gritada, não vale
nada.**



O valor da fala se deslocou para a volume e amplitude. Quanto mais berro tem, mais Deus está falando. Quanto menos se grita, menor é a possibilidade de Deus estar falando.

Em conversa com minha amiga pastora e teóloga Priscila dos Reis Ribeiro, a gente falava dos gritos nas igrejas e ela então me diz que são heranças do coronelismo. Sim, esse poder sobre os outros, pela fala, em todas as suas modulações, vai ganhando força nas formas do grito! O grito berrado, o grito estirado, o grito longo, o grito imediato, o grito em reverberações, o grito agudo, o grito basal, o grito epidérmico, o grito da alma, o grito do dó de peito, o grito geral! O grito e suas modulações viraram o critério da verdade da palavra de Deus.

Silas Malafaia é o berro do coronelismo que se perpetua em nosso país colonizado. Em tempos de distensões de todas as formas de sentimento e de relações, o ódio acha no grito sua manifestação mais catártica.

Parece ser cura para quem grita mas adoece quem escuta.

Se Malafaia e tantos outros fazem do grito sua forma de destruição, há aqueles que usam do timbre como forma e conteúdo da palavra de Deus. Edir Macedo, por exemplo, fala de um jeito tão particular que todos os seus pastores, todos homens, falam que nem ele. Todos eles têm um sotaque carioca, falam os iiiiiiis alongados e forçam o vento na última sílaba. Porqueeeee meus irmããos, Deusss vai fazeerrr a obraaaaa! Todos esses pastores, de Malafaia a Edir Macedo e Marco Feliciano, são cúmplices do que Renato Russo já cantava: “fala(m) demais por não ter nada a dizer.”

Como disse o escritor inglês, o berro evangélico é muito “ado about nothing,” muito barulho pra pouca melodia. Muito gritaria e balbúrdia pra pouca dissonância criativa. Muita ânsia de poder e pouca forma de solidariedade, muito desejo próprio e pouca coisa desejada junto. Muito domínio e pouco compartilhamento. Muito raiva e nenhuma gentileza, muita brabeza e nenhuma generosidade.

O berro litúrgico tomou hoje o lugar da cruz e da comunhão nas igrejas. O berro é o sacramento supremo!

O grito hoje é a forma mais forte da presença litúrgica nas igrejas. O grito vai tomando o lugar de tudo. Não tem oração sem grito, música sem grito, clamor sem grito, pregação sem grito, bênção sem grito! Tudo tem que vir acompanhado do sacramento do grito!

No meio desse barulho sem fim, a tagarelice de Deus parece estar em consonância completa com a vertigem de tudo o que está acontecendo. Somente gritando pra Deus existir! Esse Deus só existe na demanda e na obrigação.

Mas tem também um outro lado do grito. Se o grito é o lugar da raiva e do ódio, é também o lugar de tentar se sobrepor ao que não se tem, o que não se é mas se queria ser. O grito é uma tentativa de ser algo que se deseja tanto que somente gritando para tentar fazer chegar. É como se o grito trouxesse o que desejamos tão profundamente! Há ainda o grito de quem está na beira do abismo, para quem a vida está por um triz. Há o grito como o suspiro do oprimido, o grito de quem sofre, de quem chora, de quem se desespera. Há o grito que soa como o assobio doído e agudo das baleias em alto mar, que busca e pede e chora e desespera. O grito do choro que não ecoa em lugar nenhum, quem ninguém ouve, que ninguém quer ouvir.

Mas há também o Deus do silêncio, das águas quietas dos rios que correm suavemente. Há o Deus do sussurro, onde é preciso muita mas muita atenção para perceber. Sussurros não falados para os ouvidos, mas para serem tocados com as mãos, para serem ouriçados nos pelos do corpo, para serem sentido na suavidade da pele.

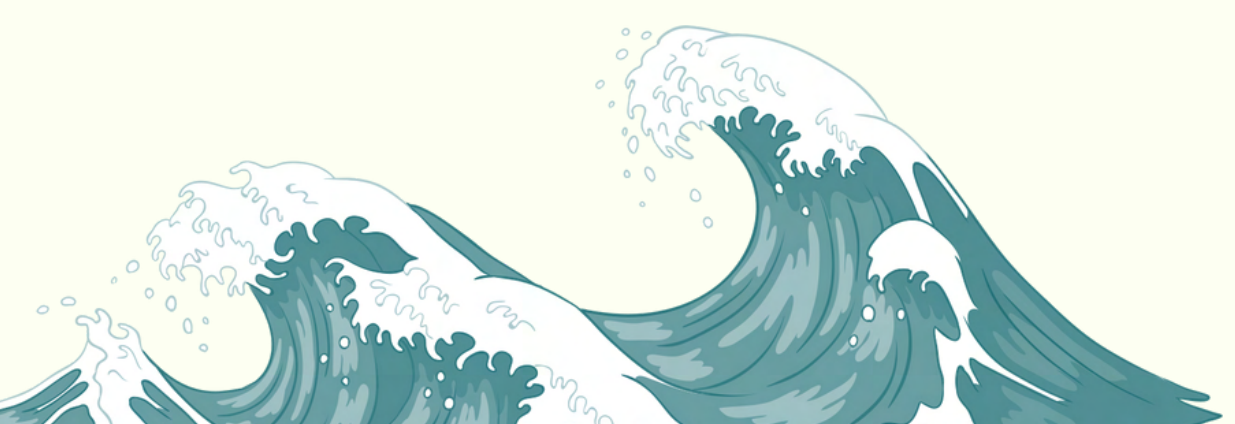




A voz de Deus como abraço a quem mora longe, para quem esta exilado e sem ninguém pra ouvir o choro e o sussurro no meio da noite. Há um Deus que sabe nos beijar leve nas pálpebras dos olhos. Um Deus que canta com os Secos & Molhados: “eu não sei dizer nada por dizer, então eu escuto...”. Esse Deus sim, eu escuto!

Sim, há de haver um Deus que fale assim, sem fazer alarde, sem berrar um nada, sem dizer o que é e não é, sem tagarelar sobre tudo e a respeito de todos. Um Deus que fala quando emudece, que orienta quando não obriga ninguém a nada, que faz demandas somente de paz e justiça. Há de haver um Deus que fale menos pelos “homens” e mais pelas mulheres, mas nem todas. Há de existir um Deus que fale menos pelos humanos e mais pelas vozes tão distintas e encantadores dos bichos e das plantas, dos passarinhos e das árvores, dos rios e dos oceanos.

Esse Deus me interessa eu quero ouvir!



**você tem um compromisso
comigo, antes de dormir com
seu benzinho.**

Live da Meia Noite

SEXTAS

0h BR | 3h PT | 4h FR

[YOUTUBE.COM/COLUNADETERCA](https://www.youtube.com/c/colunadeterca)

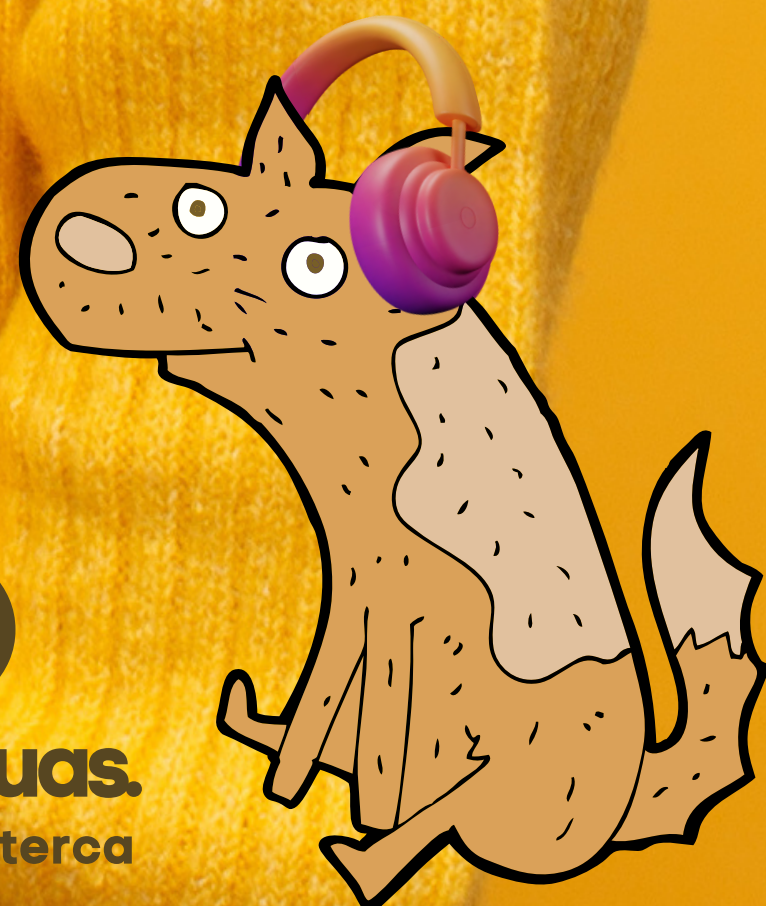


sem roteiros.



**POD
TUDO**

o podcast das ruas.
youtube.com/colunadeterca



Homens: como mudar, afinal?



**alexandre
coimbra
amaral**

A impressão de um psicólogo de um grupo terapêutico de homens

Os últimos dias foram contumazes nos debates sobre masculinidades, toxicidade do homem tradicional, Red Pill, extrema direita e agressões virtuais. O caso da ameaça de morte feita por Thiago Schutz à atriz, roteirista e comediante Lívia La Gatto rodou todos os portais de notícias, repercutiu fortemente nas redes e suscitou discussões de toda sorte. Os absurdos são inúmeros, mas continuamos na mesma lógica das mulheres pautarem este debate, como se delas exclusivamente fosse. Vemos ainda muito poucos homens posicionando sua fala contrária a este tipo de excrescência de forma aberta. São todos os homens omissos, então, **coniventes com esta postura masculina?**

De forma simbólica sim, todos eles. Quando uma violência acontece e qualquer pessoa do lado de fora da cena abusiva



percebe o que está acontecendo, somente tem duas posturas possíveis:

a denúncia (que não precisa ser judicial, apenas deflagrar a violência de forma veemente) ou o silêncio.

Quando o silêncio acontece, o que está em jogo é uma aliança simbólica e também silenciosa, conivente, com o agressor. Por isso, as últimas décadas têm sido marcadas por campanhas que sustentam a necessidade de se meter a colher em briga de marido e mulher.

A era do silêncio sobre questões violentas acabou. A postura que precisamos aprender a aprender a ter é a de sustentar a tensão decorrente do climão nos grupos de família, no almoço de domingo na casa da avó ou no ambiente de trabalho.

Em todos os lugares, há espaço para sermos aqueles que consideram



o ato inaceitável, e a partir daí sugerir diálogos que tentem colocar a situação num outro patamar de discussão. Enquanto este tipo de concordância velada não acabar, os micro contextos continuarão a propagar suas violências sem nenhum tipo de freio. Somos frutos de uma cultura autoritária, que nos ensinou a calar a voz da indignação, quando estivermos diante de autoridades ditas inquestionáveis ("mas é seu pai", "seu avô está velho, não vai mudar, quem tem que mudar de forma de lidar com isso é você, cale-se").

Perceba que, até aqui, este texto está carregado de prescrições de mudança comportamental para homens. Precisamos mudar o cenário, precisando que eles mudem.

Claro que tudo isso é decorrente inevitável e direto das lutas das mulheres, sobretudo das mulheres negras. O feminismo vem fazendo placas tectônicas da sociedade patriarcal se reviraram em terremotos ora sinuosos, ora destruidores de toda ordem estabelecida. Aos poucos, vamos sim conquistando transformações importantes neste país tão machista, misógino e violento.

Mas quero abordar outra dimensão: a terapêutica. Os homens costumam ter mais preconceito contra qualquer tipo de assistência à sua saúde, sendo muito prejudicados pela própria escolha em sempre adiar a procura ao profissional - quando descobrem patologias severas no corpo, pode ser tarde demais, ou somente se dão conta quando acontece um evento drástico, como um infarto ou um AVC.

Com a saúde mental não é diferente, e ainda mais cheio de névoas preconceituosas que constroem um estigma para aquele homem que procura ajuda terapêutica. Numa sociedade produtivista, o homem precisa ser o provedor da conquista acelerada de novas metas, cargos, patrimônio e status social. Nesta forma de ver a vida, quem para o tempo para se analisar não tem nem força, nem foco e nem fé. É um tipo de homem de segunda classe.

Acontece que a saúde mental masculina vem sendo profundamente deteriorada, exatamente por conta da vida absolutamente incompatível com qualquer noção mínima de saúde integral.

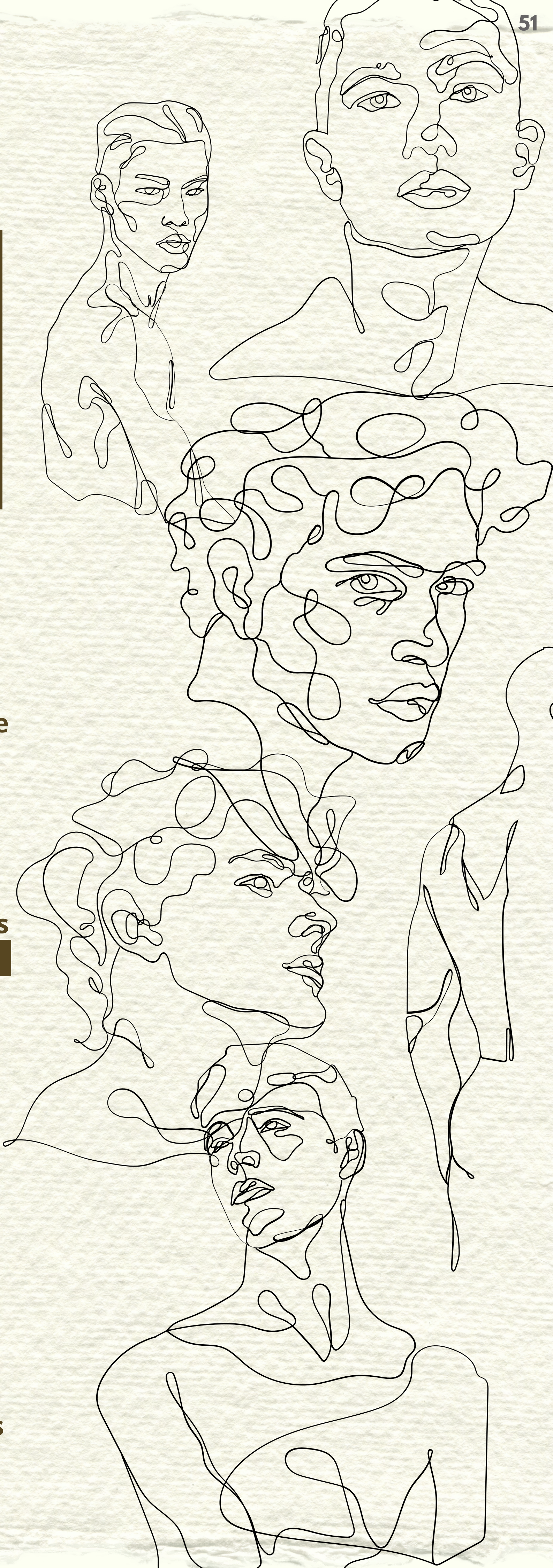


Aos poucos, a vida laboral infinita e insaciável vai carcomendo os outros pedaços da vida: relações, intimidades com filhos, com amores, com tudo o que sustenta emocionalmente a possibilidade de produzir e gerar renda. Eis o retrato da depressão masculina do nosso século, que chega sem pedir licença e arrasa quarteirões. Quando isto lhe acontece, este homem não sabe como lidar, mas entende a partir de um corpo fraturado na alma que alguma coisa está fora da ordem.

É aí que tenho trabalhado nos últimos seis anos: um Grupo Terapêutico de Homens.

Começamos presencialmente, durante três anos, até que chegou a pandemia.

Virtualizamos os nossos encontros, sempre gratuitos, abertos e disponíveis para o diálogo sobre todas as cenas que os participantes queiram abordar sobre seus processos na desconstrução de gênero, utos, relacionamentos



Ser terapeuta deste grupo, há tanto tempo, me ensinou a forma de conversar para gerar real transformação. Há, sobretudo, vergonha, medo, culpa e muita raiva. A vergonha é o carro chefe, **não há como conversar sobre as fissuras masculinas na forma de lidar com a vida se não houver um ambiente de segurança emocional para o diálogo.**

Com muita dificuldade, depois de muito tempo performando um discurso "eu estou bem", aos poucos vou convidando o participante a se encontrar com o que é valioso, emocionante, visceral nele. Aos poucos, vem a emoção sem filtros: choro, palavrões, pedido de ajuda, medo.

A vulnerabilidade vai se expressando ali, e comovendo o resto do grupo. É lindo de se ver, é lindo de testemunhar. Eu cuido deste espaço como quem cuida de um templo sagrado, porque ali eu sinto que conseguimos operar com delicadeza no núcleo de uma das piores características do nosso funcionamento: a tendência violenta, sem freio, e sem recurso para refreá-la. Vamos fazendo do espaço coletivo um momento de solidariedade e empatia, sem negar as responsabilidades das violências já cometidas. Não há passagem de pano, da mesma forma que não há cancelamento.

O diálogo terapêutico é a porta da reconquista da humanidade perdida. Para aqueles homens todos, e para mim, é um alimento potente para a esperança. E porque ela é mesmo um verbo, movimenta em nós o desejo de refundar nossos mundos internos.



A silhouette of a woman with long hair, looking upwards and to the right. The background is a gradient from light to dark, suggesting a bright light source behind her. The text is overlaid at the bottom of the image.

apenas 8,5% dos
casos de **estupro**
são registrados
pela polícia

**muita paz pela manhã?
a gente acaba com ela.**

**Livre
da
Manhã**



SEGUNDAS

10h BR | 13h PT | 14h FR

YOUTUBE.COM/COLUNADETERCA

**fillipe
caetano**



O combinado não sai caro

Ora, desde que comecei a escrever esta coluna nesta tão importante revista, um tema norteia enfaticamente discussões e proposições. Ainda que haja ramificações, outras preocupações e até mesmo temáticas, o cerne está em um só ponto, a saber: as diversas formas com que o racismo rasga a minha pele no dia a dia e a minha relação com ele, de modo a te fazer refletir pra, de alguma maneira, tu mexer a bunda e TENTAR fazer alguma coisa pra ajudar a diminuir ou parar de me machucar tanto. Até aqui, creio, você, cara(o/e/u) leitora(e/u) está de acordo.

O que você não sabe, e que agora, portanto, te revelo em primeiríssima perna (como diria o nada saudoso, embora burlesco, Wagner Montes), é que eu tenho feito um esforço descomunal para NÃO trazer tais questões para a pauta desta coluna.

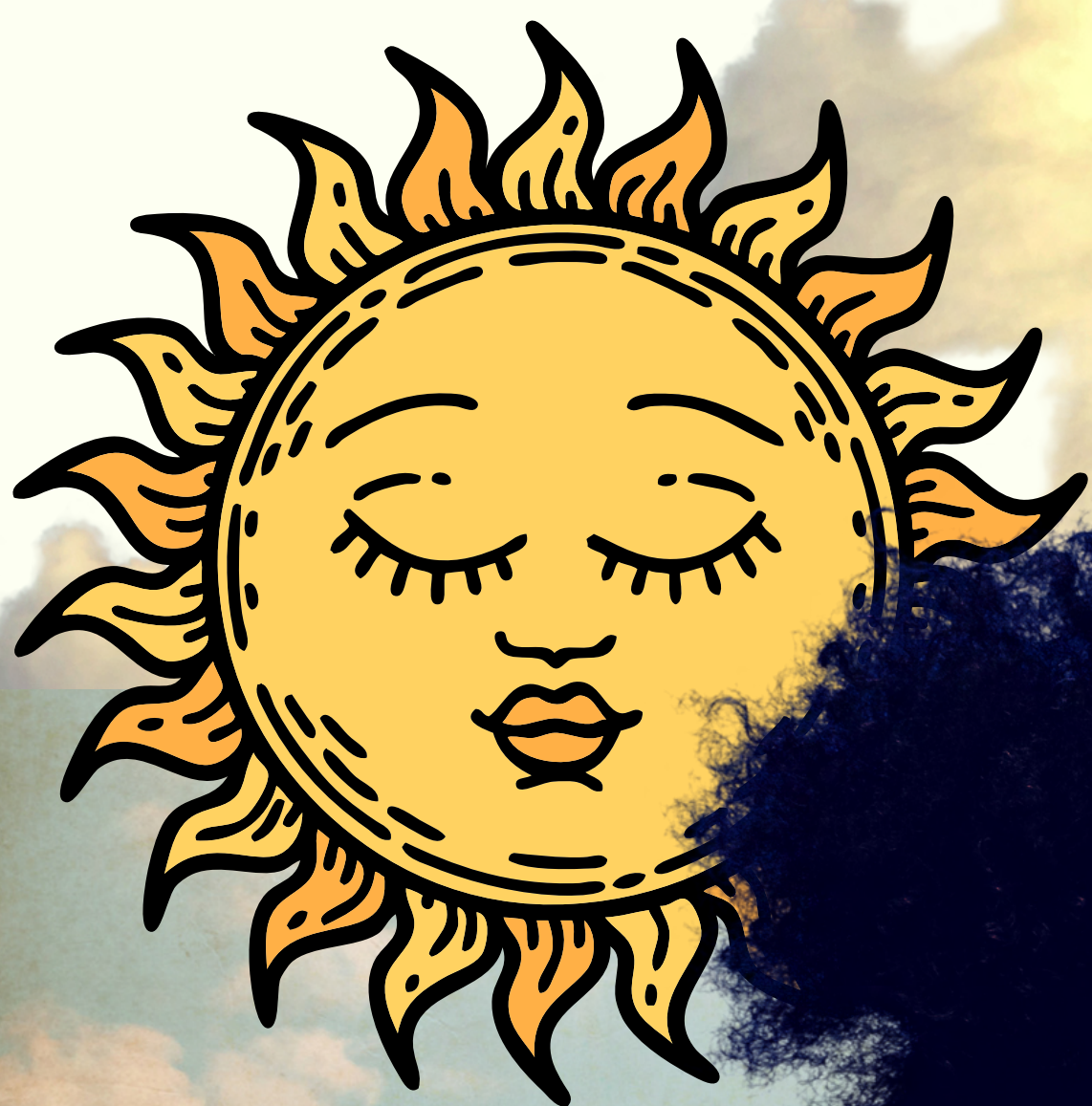
Apesar das violências que naturalmente gerariam páginas e páginas de conteúdos de opinião, de comparação com estudos, de citação de ancestrais que estudaram e até mesmo anteviram esses movimentos violentos contra nosso povo, há um empenho em retratar pra você aí do outro lado uma outra perspectiva das coisas. Uma outra percepção de nós.

Uma outra visão de mim mesmo.

Normalmente, assim sendo, não quero te noticiar quaisquer notícias ou escândalos envolvendo racismo. Isso me limitaria a retratar uma realidade de violência, de ação e reação, de raiva, de medo e de um sentimento eruptivo de vingança.

Eu nego esse tipo de texto. Procuro abordar aspectos outros, que envolvam vida, resplandecer, esperança. Proposição de comunidade,

reflexão. A partir das minhas experiências com meus alunos, com meus amigos, com minha família. Das minhas falhas, dos meus acertos. Das minhas gafes. Por vezes, até de algo próximo do besteiro. Em resumo, portanto, da minha vida, afinal, a vida é um pouco disso também. E, no fim, esse esforço é que me salva. Porque buscar por vida nesse caos de violência que resume o racismo é como procurar flor no meio da lama, e encontrar. Um milagre.



Ocorre que hoje, infelizmente, eu não tenho um milagre pra te contar.

Um episódio muito particular aconteceu comigo e eu gostaria de repartir com cada uma das pessoas que me lê nesta hora. Porque foi extremamente profundo e cortante.

Eu estava em um bloco carnavalesco em homenagem a uma das minhas bandas preferidas da vida, no último dia do Carnaval do Rio de Janeiro, conversando com amigos. O enterro dos ossos total. Peguei meu celular para olhar o Instagram e passei por uma página daquelas de fofocas, só que de pretos. Na postagem que vi, eles diziam que um rapaz, Noelgoescrazy, febre nas redes, estava no Brasil.

Ele tinha viralizado no TikTok após dar “susto” nas pessoas, fingir pegar o celular delas, depois fazer uma dancinha e tirar o seu cabelo black pra fora do capuz do casaco. Até aí, tudo bem. Certo?

Certo.

A questão é que o vídeo da postagem era esse menó aí fazendo essa mesma “pegadinha” com dois agentes da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Eu simplesmente paralisei. Comecei a tremer. A suar frio.

O Instagram atualizou na hora e eu não vi a continuação do vídeo. Só consegui ver que ele pegou o celular de um dos PMs e os dois



agentes fizeram uma reação de ir pra cima dele, colocando uma das mãos na pistola. Aí o vídeo sumiu.


Eu expliquei pros meus amigos, brancos, como se fosse alguém próximo a mim que estivesse com um problema. Eu estava inquieto, extremamente angustiado, só conseguia pensar que aquele menó tinha automaticamente virado estatística! Minha mente gritava “não, não, não!!!! Não!” E meus amigos tentaram me acalmar, me explicando que era combinado. Eu JURO que não sabia que era combinado.

Pediram pra eu respirar fundo e devagar. Meu coração começou a desacelerar.

E só aí eu comecei a voltar. Toda essa angústia durou uns 5 minutos. E foi um tempo horrível de violência. O que vinha na minha cabeça, incessantemente, era: “e se não fosse combinado?” Sairia caro. Muito caro. E o mundo do TikTok conheceria um Brasil para além dos virais envolvendo Jalapão, Dunas, Jericoacoara, Bonito e Copacabana. Um Brasil, infelizmente, um pouco mais real. Sobretudo com pretos. Há mais de 400 anos.

Cláudio Brites, psicólogo fantástico, professor, escritor e radialista com voz de sedução,





me mandou um link com uma pesquisa que tratava sobre os efeitos do racismo no cérebro de crianças. Anatomicamente. Nosso corpo é modificado, à medida em que sofremos esse tipo de violência mental, o que as pesquisadoras chamam de “estresse tóxico”. O cérebro de crianças pretas, segundo conclui essa pesquisa, tende a ser anatomicamente modificado em função das violências que o racismo estrutural impõe sobre elas, enquanto crianças brancas, mesmo havendo problemas na vida, como o próprio bullying e o abandono parental, infelizmente problemas seríssimos que crianças e adolescentes enfrentam em todo o mundo, tendem a ter o cérebro mais “normalizado”, isto é, com menos danos físicos por “estresse tóxico”.

Quão bizarra é esta constatação? Além dos nossos corpos já trazerem dores, dissabores, marcas, cicatrizes, crises, nossos cérebros, em vida, são ainda marcados e potencialmente modificados pra pior, enquanto vivemos, à medida em que sofremos essas violências.

Veja, eu acredito piamente nisso. Emicida, profeta do nosso tempo, diz que “tanta agressão ENLOUQUECE”. É justamente esse o enredo da trama. São muitas violências, em diversas camadas. São muitas dores. Ver um vídeo e se assustar com a possibilidade de um preto poder ter sido morto por uma besteira me deixou paralisado de angústia. Se crianças pretas expostas a esse tipo de violência na mais tenra idade estão mais propícias a sofrerem abalos FÍSICOS nos seus cérebros, imagina como estão os cérebros de pretos e pretas MAIS VELHOS que VOCÊ conhece. Melhor: imagina como está o MEU cérebro.

Eu certamente sou um ser em decadência cerebral.



O ponto é: não há de findar. O racismo não é algo que se finde assim. Esse país se funda tendo-o como pedra fundamental. E até hoje ele está lá. Entranhado em tudo. E se não há de findar, nossas crianças já estão fadadas a ter seus cérebros diminuídos pouco a pouco? E nós, estamos destinados a termos nossos cérebros, inteligências e narrativas apagadas? Era esse o grande plano, então? É isso?

Mas, para além disso, O QUE VOCÊ, BRANK(O/A/E/U) vai fazer a respeito? Fica aí o questionamento. Rasgue-se, descubra e venha me contar. Porque tenho, aliás, temos pouco tempo. "O tic-tac não espera", diriam os profetas Racionais.

É justamente por isso que me debruço cada vez mais em sorrisos, em alegrias, em situações de esperanças, em aprendizados de valor.

Porque a vida não pode só ser de violência, de roubo de narrativa e de abalo físico do cérebro de somente quem tem pele escura e/ou traço negróide. A gente precisa não ser, mas viver o mais próximo do feliz/do alegre possível. Nem sempre vai dar, mas a gente precisa tentar chegar nem que seja o mais próximo disso. Tentar viver alegre, tentar sorrir, tentar achar a flor no meio da lama, tentar ver vida em meio ao caos, tentar ser gentil em meio aos tiros da PM, tentar ser leve em meio à rotina, tentar seguindo ser amoroso em meio à injustiça é seguir resistindo, é seguir tentando viver.

A lição de hoje, pra você que é brank(a/o/e/u/x), portanto, é:

**faça
alguma
coisa.**



A man and a woman are standing on a train platform, smiling and talking to each other. The woman is on the left, wearing a yellow coat and a colorful scarf. The man is on the right, wearing a tan coat and glasses. The background is a blurred train platform with yellow poles.

**no busão,
no trem,
no metrô,
nos apoiar
é simples**

**assine e tenha acesso a
conteúdos exclusivos.
faça um pix recorrente,
a partir de 10 reais.**

**apoie a coluna de terça
colunadeterca@gmail.com**



os maiores ofensores
em casos de estupros
são: **parceiros e ex-
parceiros, familiares e
amigos.**

**you have a commitment
with me, before sleeping happy.**

Live da Meia Noite

SEXTAS

0h BR | 3h PT | 4h FR

[YOUTUBE.COM/COLUNADETERCA](https://www.youtube.com/c/colunadeterca)



A photograph of three Black individuals—two men and one woman—standing in a desert landscape under a clear blue sky. They are dressed in dark, minimalist clothing. The woman in the center has a large afro hairstyle and is wearing a gold chain necklace. The man on the left has a beard and is wearing a dark turtleneck. The man on the right is wearing a dark button-down shirt. They all have serious expressions and are looking towards the camera.

carol
gago

perfilamento racial

Imagine a seguinte cena: um homem branco, em pé, parado ao lado de um carro no meio fio, conversando com o motorista. O que te vem à mente? Dois amigos que se encontrando? O motorista talvez estivesse pedindo informação?

Agora pense na mesma cena, mas desta vez, o homem parado ao lado de um carro no meio fio, conversando com o motorista, é negro. O que te vem à mente agora?

Para a Polícia Militar de São Paulo, esta cena é uma cena típica de tráfico de drogas. Não, isso não é ficção.

O padrão discriminatório da polícia salta aos olhos desde o primeiro elemento descrito no boletim de ocorrência: “avistou ao longe um indivíduo de cor negra”. Eu já poderia parar aqui, e seria suficiente para você entender que o que vem depois não tem a mínima importância. Mas a descrição segue: “estava em pé junto ao meio fio da via pública” ao lado de um veículo, o que constituiria uma “cena típica de tráfico de drogas”.

O termo “indivíduo negro” foi usado pelo outro policial envolvido na revista do suspeito ao descrever a situação no boletim de ocorrência, e a identificação da cor da pele

poderia ter configurado mera narração dos fatos se os policiais também tivessem mencionado qualquer outra característica do indivíduo - como sua altura, cor dos olhos ou a roupa que usava no momento. Mas não o fizeram. Além disso, nenhum dos PMs viu qualquer transação acontecendo, e a atividade de parar ao lado de um carro não produz, por si só, evidência de que estaria ocorrendo traficância.

A partir daí, a Defensoria Pública do Estado de São Paulo entendeu que o acusado foi alvo de racismo pelos policiais que o abordaram. Isso porque a legislação não autoriza buscas pessoais praticadas como rotina do policiamento ostensivo com finalidade preventiva (somente buscas pessoais com finalidade de produzir provas, quando houver fundada suspeita). E já que as provas foram colhidas de forma ilícita, devem perder a validade, resultando na absolvição do réu.

Sempre que as forças policiais fizerem uso de generalizações baseadas em cor da pele ou

raça, sem que exista qualquer outra evidência ou comportamento a evidenciar a ocorrência de um crime, estará configurada a prática de perfilamento racial.

**Suspeitou porque é negro.
Abordou porque é negro.
Revistou porque é negro.
Inquiriu porque é negro.
Prendeu porque é negro.**

Abdias do Nascimento, em uma Carta aberta ao Chefe de Polícia do Rio de Janeiro enviada em 1950, já anunciava: “Basta um negro ser detido por qualquer coisa insignificante – assim como não ter uma simples carteira de identidade – para ser logo tratado como se já fosse um criminoso. Dir-se-ia que a polícia considera o homem de cor um delinquente nato, e está criando o delito de ser negro”.

Não evoluímos muito, desde então. Ocorre que, apesar de eventualmente não parecer, estamos em um Estado Democrático de Direito, onde não há crime e nem pode haver castigo pela cor da pele.

Essa é uma discussão importantíssima que está atualmente pautada para

juízo no Habeas Corpus 208.240. Nesse processo, o Supremo Tribunal Federal deve decidir se a justificativa dada pelos policiais é suficiente para motivar a abordagem - criando um entendimento que pode se tornar parâmetro para outros casos.

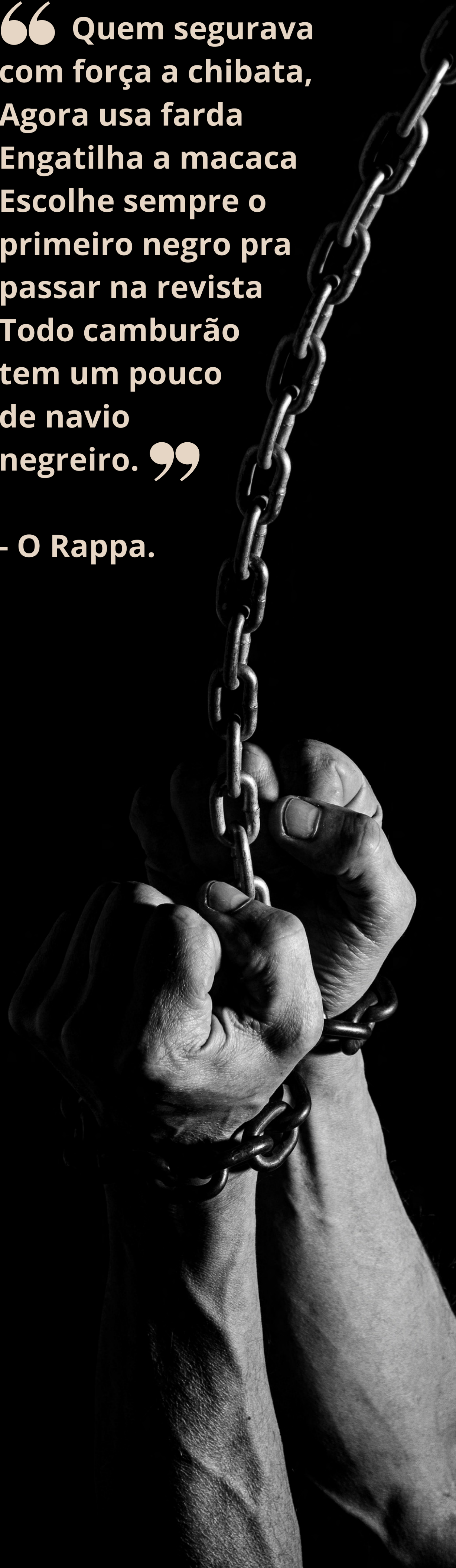
É doloroso e cansativo ter que admitir o quanto o Estado e a polícia ainda são racistas, julgando e encarcerando pessoas pela cor da pele, enxergando-as pessoas como alvos permanentes de punição, só pelo fato de existirem.

Além das estatísticas das Secretarias de Segurança Pública apontarem que o índice de eficiência no encontro de objetos ilícitos em abordagens policiais é mínima (1%), as abordagens policiais violentas e que resultam em mortes é majoritariamente de pessoas negras - uma realidade cotidiana, principalmente para aqueles que residem em comunidades periféricas.

É a banalização do direito de ir e vir, dos corpos negros e da vida.

“ Quem segurava com força a chibata, Agora usa farda Engatilha a macaca Escolhe sempre o primeiro negro pra passar na revista Todo camburão tem um pouco de navio negreiro. ”

- O Rappa.



**fofoka
rola
solta.**



**BOCA
NERVOSA**

youtube.com/colunadeterca

Sul Tour Cabernet Sangue



**claudia
tajes**

Vem aí a melhor época para conhecer o sul do país: todas. Se você tem raízes europeias - pode ser aquela tia gringa que casou com o seu tio morenã - ou desde sempre pintou o cabelo na tonalidade Louro da Prússia, faça as malas e venha conhecer as atrações do nosso novo pacote Branco Feito Neve. A seguir, alguns passeios imperdíveis.

Dia 1: Chegada a São Miguel do Oeste (SC). Veja de perto todas as belezas da cidade que cassou por unanimidade a vereadora Maria Tereza Capra por ter denunciado que apoiadores do ex-presidente e receptador de jóias Jair Bolsonaro faziam o Sieg Heil, aquele cumprimento bonitinho dos nazistas. Aproveite para se deliciar com o Einsbein que





remete aos ares da progressista Dresden, cidade alemã que declarou estado emergência pela explosão do Nacional Socialismo.

Dia 2: Visita à São Pedro de Alcântara, na Grande Florianópolis, a cidade dos oito valentes rapazes supremacistas presos por racismo, preconceito religioso, associação criminosa e mais uma lista inspiradora de crimes, mas só contra quem não é ariano, claro. Bem verdade que, a se julgar pelas fotos, para arianos os oito odiados não servem. Mas o que vale é o que está dentro da pessoa.

Dia 3: Dia livre em Jurerê Internacional, a capital mundial dos Beach Clubs e das caixas de som na areia.





Se não estiver em forma, recomenda-se ter o bom gosto de ficar trancado no hotel para não estragar a paisagem.

Dia 4: Deslocamento para o Rio Grande do Sul. Aproveite para observar como cada oficina mecânica, cada mercadinho, cada birosca de beira de estrada ostenta uma bandeira do Brasil na fachada.

Dia 5: Chegada à Serra Gaúcha. Agora sim, você vai se sentir como se tivesse voltado mais de 400 anos no tempo.

Conheça as vinícolas que continuam produzindo suas bebidas com o mesmo cuidado e o mesmo trabalho escravo dos pioneiros.

Veja de perto as instalações onde os baianos aliciados dormiam e refaça o caminho deles, desde a hora em que saíam dos alojamentos, até a volta, depois de um dia inteiro sob o sol dos parreirais, exaustos, sujos - e famintos. Você vai se surpreender com a autenticidade de uma produção que não mudou em nada os seus métodos para oferecer ao consumidor vinhos e espumantes premiados no Brasil e no exterior.

O passeio encerra com um brinde à qualidade do nosso Cabernet. Pode comparar com os argentinos, o nosso é mais encorpado, dá para sentir uma nota de sangue no fundo da língua.

Vai mais uma taça?

pra todo mundo.



**POD
TUDO**

o podcast das ruas.
youtube.com/colunadeterca



Trabalhamos com print



**samantha
mello**

Há alguns dias uma decisão minha viralizou.
Não devia.

Não em um país tão injusto e desigual de
oportunidades.

Alguns disseram que eu fui corajosa, porque
determinei a penhora de bens de luxo, de um
imóvel de alto padrão, suspendi CNH e
passaporte de uma executada que deve há 13
anos verbas trabalhistas para uma outra
mulher, trabalhadora.

Você não tem medo, pela sua vida? Mais de uma
pessoa me perguntou isso.

Mas a Magistratura não é, ou ao menos não
deveria ser, profissão de covardes.

Eu poderia citar dados, números, estatística,
mas eu prefiro te dizer que sou juíza há seis
anos, fazendo mais de mil audiências por ano e
perdi as contas de quantas vezes vi decisões do
Poder Judiciário virarem papel de pão.

Então, quando uma decisão dessa viraliza, é
sinal de que algo não vai bem.

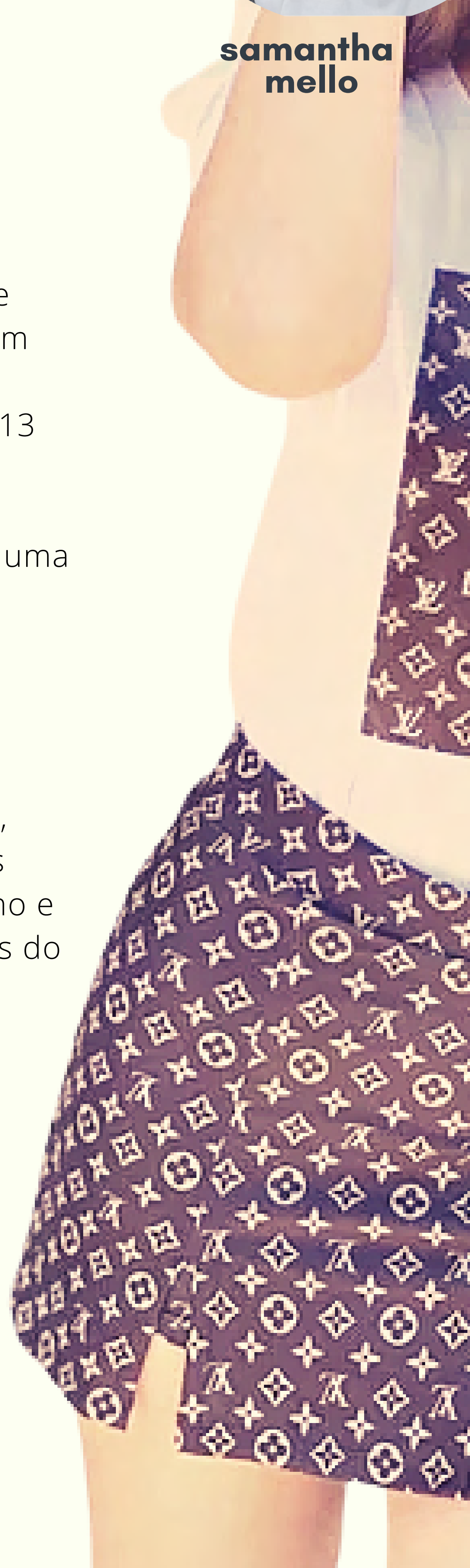
E eu te falo o que é.

No Brasil, não se cumpre decisão judicial.
Vale a pena viver a filosofia do “devendo e
luxando”.

É triste.

É revoltante.

É.



Então, me cabe a vigilância, os olhos abertos, a empatia e sim, o cumprimento da lei.

Eu cresci ouvindo estórias da minha mãe, trabalhadora doméstica aos 12 anos. Eu cresci vendo a exploração do homem simples do campo, ignorante dos seus direitos, porque minha família paterna é da roça, ainda nos dias de hoje.

Eu cresci, eu mesma, trabalhadora desde os 15 anos, recebendo um ticket refeição de R\$6,50 reais, que não pagava uma refeição decente, enquanto a dona da agência de marketing em que eu trabalhava enriquecia e exigia que eu fosse magra (comendo coxinha, que era o que o meu ticket pagava).

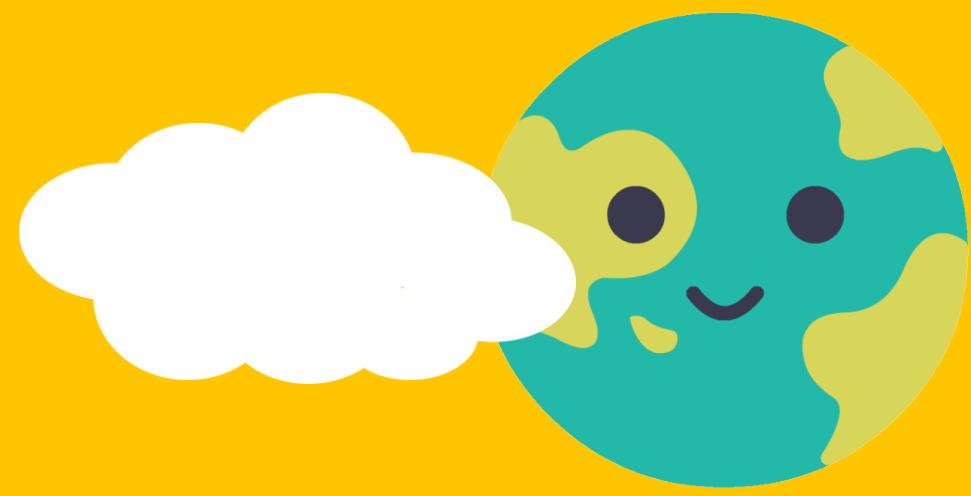
Cresci sendo explorada em estágio de Direito (busca água francesa pro chefe, leva trocentos volumes de processo no final do expediente e dane-se se você tem prova e vai chegar atrasada na aula), porque entre a Lei de Estágio e a vida real há um mundo de abusos acontecendo.

Eu já fui mulher-placa em São Paulo, já fui animadora de festa infantil, já me fantasiei de coelho sabido, pra divulgar DVD pra criança. Eu já fui garçonete, já fiz faxina com a minha mãe. Já peguei (e pego) trem, ônibus, metrô, lotação clandestina.

A verdade, é que na posição privilegiadíssima que eu me encontro, num país de miseráveis, de genocídio da população negra, de números alarmantes de trabalho análogo à escravidão, de violência endêmica contra mulheres e outras minorias, eu tenho obrigação de lutar. Todos os dias. Um pouco mais.



como nos apoiar no planeta terra



 **PayPal** / Anderson Franca

Acesse PayPal

Use seu cartão

É isso!

1



2



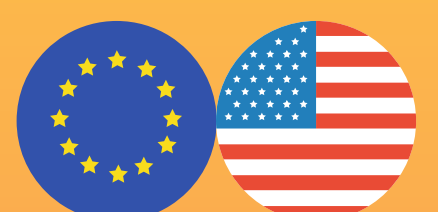
3



à partir de

5,00

US\$ / €



caderno CT
cine**cinema**
A Mulher Rei

Embora com falhas narrativas se comparado com os verdadeiros fatos históricos, onde o povo de Daomé foi vítima e não vilão, o filme é épico, porque não é sobre guerra, mas sobre uma mãe, que tem sua maternidade cortada para servir ao sacerdócio de proteger sua tribo, mas só fecha o ciclo de proteção quando acolhe sua própria filha.

Erra quem vê esse filme como um filme de, apenas, colonizador e colonizados, é um filme de sentimentos atemporais, sobre uma mãe, que também representa um povo na História.

Profundo, perfeito na coreografia, figurino, pesquisa, roteiro e da altura de Hollywood.

DIRIGIDO POR
Gina Prince-Bythewood

ELENCO
Viola Davis; Thuso Mbedu;
Lashana Lynch; Sheila Atim;
Hero Fiennes Tiffin

GÊNERO
Ação, Drama, História

2022.





**vinicius
lima**

quem fica quando a lama baixa

Atuo e convivo há quase 10 anos com a população em situação de rua em São Paulo.

Durante esse tempo, convivi e servi junto com muitos projetos e organizações que ajudam quem está nas calçadas, com muito amor, dedicação e engajamento em suas atividades e doações. Porém, infelizmente, é muito comum entre esses projetos um discurso quase purista que diz “estamos ajudando porque queremos ‘fazer o bem’, mas não queremos ‘misturar com política’, ignorando que foi por causa de uma estrutura política e

econômica que existem pessoas nas ruas.

Algumas mobilizações de ajuda nessa última tragédia no litoral norte de São Paulo me lembraram muito esse tipo de atuação.

As doações são muito importantes, principalmente em situações extremas como é o caso do litoral norte. Há pessoas que só têm o que comer, beber e como se vestir por causa das doações de projetos como esses que cuidam da população em situação de rua ou que descem para o litoral norte de São Paulo. Todo esforço e recurso são necessários nesses momentos e lugares.

Porém, toda essa mobilização, tanto na praia, quanto na rua, deveria ser feita com elaboração de políticas públicas a partir de discussões no Legislativo, com combate à especulação imobiliária, guerras de narrativas, e disputas financeiras sobre quais são as verdadeiras prioridades das cidades - só assim evitaremos novas tragédias ou que mais pessoas cheguem nas ruas.

A realidade hoje é que muito esforço e dinheiro são inseridos em cuidados paliativos. Porém, pouco dinheiro e esforço são gastos para derrubar estruturas que promovem a miséria e a injustiça.

Por que isso acontece? Por que depois que a lama baixa, as chuvas param, todos voltam para os seus territórios, voltam às suas atividades normais, mas não se empenham nas discussões políticas e a cidade que viveu a tragédia pouco se desenvolve numa direção de prevenir outros casos de racismo ambiental?

A resposta, muitas vezes, é financeira.

Uma empresa que faz doações para a população em situação de rua ou para o litoral norte de São Paulo é bem vista e isso colabora com seus lucros. Agora, uma empresa que discute e luta contra o racismo ambiental e contra a especulação imobiliária, incomoda consumidores e parceiros.

Da mesma forma, as organizações não governamentais conseguem muito investimento para fazer as ações emergenciais de entrega de doações, mas pouco é investido para essas mesmas organizações fazerem ações de advocacy, mobilizações e campanhas para combater os problemas estruturais dos municípios.

Muitas vezes, esse tipo de doação, sem o engajamento necessário e sem tocar estruturas excludentes, servem só para manter a desigualdade, como foi o caso da Ambev, por exemplo, muito bem explicado pelo Anderson França em seu perfil no Facebook, em que

eles doaram as suas próprias águas para o litoral norte, enquanto gastavam milhões para que a Giselle Bundchen viesse para o carnaval, sem investir ao menos um real em moradia para quem ficou desabrigado.

Não é possível separar esses atos de doação da prática política. Enquanto doamos, ajudamos, estamos fazendo política. Resta saber se estamos fazendo política para manter as estruturas que oprimem ou para quebrar as cadeias que prendem a população mais vulnerável e marginalizada.

Os únicos que conseguem achar que separam a doação, do fazer político, é quem se beneficia com a forma que a estrutura está ou quem é muito ingênuo e não percebe a cor de quem ele está ajudando, o gênero, as histórias e não nota que há algo em comum entre elas e que sempre se repete, pois as cidades funcionam em estruturas para gerar mais e mais pessoas nas ruas e mais e mais tragédias ambientais.



Exceto fascistas e genocidas, ninguém é contra as doações.

Como foi dito no início do texto, há pessoas que só sobrevivem por causa dessas mobilizações e desses recursos. Mas, imagina um cenário onde todas essas organizações, independente do setor, continuassem investindo no pós tragédia, assim como investiram nos cuidados emergenciais.

Certamente, teríamos reconstruções mais rápidas, políticas mais firmes para evitar novas tragédias, uma economia mais circular e aprendizados políticos, tanto para o governo, quanto para as organizações que ajudaram.

Todos nós devemos continuar com as nossas doações, mas devemos saber sim que o que fazemos é um ato político, não é apenas “fazer o bem” ou mera filantropia, deve ser para romper com estruturas que promovem a desigualdade e, inclusive, diminuir cada vez mais, a necessidade de doações. Não deve ser para a imagem, para um exercício de cidadania burguês ou para sua empresa ganhar um selo sustentável.

Por fim, é curioso que a tragédia do litoral norte tenha ocorrido junto com o carnaval, pois tanto na festa, quanto no desastre... No fim, para recolher, quando as câmeras saem, só fica quem sempre esteve por lá.

